

# CONSEQUÊNCIAS E QUAIS OS PRINCIPAIS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO

ERENI DE MORAIS <sup>1</sup>

OROZIMBO FURLAN JÚNIOR <sup>2</sup>

## RESUMO

A automedicação é vista como a utilização de produtos farmacêuticos sem recomendação médica, onde os pacientes fazem uso de fármacos de maneira irregular, não levando em consideração doses ou tempo de tratamento correto. O Brasil ocupa o quinto lugar em consumo de medicamentos na América Latina, tendo elevados índices de hospitalização e ainda morte, por superdosagem e intoxicação. Deste modo, o objetivo da pesquisa é ressaltar as consequências e principais riscos à saúde advindos da automedicação de fármacos, salientando a possibilidade do uso de medicamentos de menor impacto a partir da orientação de farmacêuticos. Autores relatam que entre os maiores problemas para reduzir a automedicação no Brasil são os problemas governamentais, tais como a falta de recursos destinados ao Sistema Único de Saúde (SUS), e número insuficiente de médicos dentro das unidades de saúde. Estes fatores fazem com que pessoas que passam por períodos de dor, procurem fármacos de maneira inapropriada, sem preocupação com possíveis riscos à saúde. O problema da automedicação atinge até mesmo crianças e idosos, que são colocadas em perigo pela utilização de drogas farmacêuticas muitas vezes incompatíveis com o organismo dos mesmos. Uma alternativa para o problema é a atuação do profissional farmacêutico que pode orientar para a utilização correta dos fármacos, diminuindo riscos pela automedicação. Entretanto, destaca-se a necessidade de implementar estratégias de conscientização a população mostrando os riscos à saúde pela automedicação.

**Palavras chave:** Fármacos. Intoxicação. Superdosagem. Farmacêuticos.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Farmácia do Centro Universitário Unifacvest.

<sup>2</sup> Orientador Me. Química, Coordenador do Curso de Farmácia do Centro Universitário Unifacvest.

## CONSEQUENCES AND WHAT THE MAIN RISKS OF AUTOMEDICATION

ERENI DE MORAIS <sup>3</sup>

OROZIMBO FURLAN JÚNIOR <sup>4</sup>

### ABSTRACT

Self-medication is seen as the use of pharmaceuticals without medical advice, where patients use drugs in an irregular manner, not taking into account doses or time of correct treatment. Brazil occupies the fifth place in drug consumption in Latin America, with high rates of hospitalization and death due to overdosage and intoxication. Thus, the objective of the research is to highlight the consequences and main health risks arising from the self-medication of drugs, emphasizing the possibility of using drugs of lower impact from the orientation of pharmacists. Authors report that among the major problems to reduce self-medication in Brazil are the governmental problems, such as the lack of resources for the Unified Health System (SUS), and insufficient number of doctors within health units. These factors make people who go through periods of pain, seek drugs in an inappropriate way, without worrying about possible health risks. The problem of self-medication reaches even children and the elderly, who are endangered by the use of pharmaceutical drugs often incompatible with their body. An alternative to the problem is the performance of the pharmaceutical professional that can guide the correct use of the drugs, reducing risks by self-medication. However, the need to implement strategies to raise awareness among the population shows the risks to health through self-medication.

**Key words:** Drugs. Intoxication. Overdosage. Pharmacists.

---

<sup>3</sup> Scholar of the Course of Pharmacy, University Center Unifacvest.

<sup>4</sup> Advisor MSc. Chemistry, Coordinator of the Pharmacy Course Unifacvest University Center.

## 1 INTRODUÇÃO

A automedicação pode ser definida como o uso de produtos sem recomendação ou supervisão médica, sendo caracterizada pela iniciativa próprio do doente em consumir drogas farmacêuticas, objetivando tratar ou aliviar sintomas ou doenças na promoção pela saúde (NAVES et al., 2010; VITOR et al., 2008).

Dentre as práticas da automedicação estão a aquisição de medicamentos sem receita, o compartilhamento de medicamentos com outros membros da família ou círculo social, reutilização de sobras de medicamentos de tratamentos anteriores, utilização de antigas prescrições e prolongamento de um tratamento indicado pelo médico (CARVALHO et al., 2008).

A utilização do uso indiscriminado de medicamentos é considerada preocupante por autoridades de vários países. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o percentual de internações hospitalares advindas de reações adversas a drogas farmacêuticas ultrapassa 10%, pois 50% dos medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados e vendidos, sendo que metade dos pacientes faz uso incorreto. No Brasil, a Política de Medicamentos do Ministério da Saúde alerta a população para os riscos da automedicação e procura conscientizar sobre a forma correta de utilização desses produtos, visto que o país é um dos principais consumidores de medicamentos (CASTRO et al., 2013; DOMINGUES et al., 2015).

No Brasil, o mercado de medicamentos alcança 22,1 bilhões de dólares anualmente, e a disponibilidade destes aumenta a possibilidade do uso irracional, promovendo riscos à saúde ao invés de tratamentos adequados. O país ainda ocupa a quinta posição no consumo mundial de fármacos sem prescrição, sendo o primeiro da América Latina (SOUZA et al., 2011).

Conforme Vitor et al. (2008) em alguns países com sistema de saúde pouco estruturado, ir à farmácia representa a primeira opção para resolver um problema de saúde. Grande parte dos medicamentos é vendido sem receita médica e está disponível facilmente em farmácia, drogarias e até mesmo em supermercados.

Entre os sintomas mais comuns resultantes da automedicação estão as infecções respiratórias, dor de cabeça e má digestão. Entretanto, estudos realizados

mostram que pessoas que fazem uso indiscriminado de medicamentos não pararam de se automedicar pela comodidade, rapidez da ação, alta tolerabilidade ao passar do tempo, segurança e eficácia dos fármacos (NASCIMENTO, 2003).

No entanto, alguns autores relatam que a automedicação pode ser realizada de maneira responsável e benéfica quando selecionada como alternativa terapêutica com auxílio e orientação de um farmacêutico. Sendo assim, podendo ser adequada para o paciente quando na dose, concentração e tempo adequado de tratamento (CASCAES et al., 2008).

Desse modo, o objetivo do estudo é ressaltar as consequências e principais riscos à saúde advindos da automedicação de fármacos, ressaltando a possibilidade do uso de medicamentos de menor impacto pela orientação de farmacêuticos na promoção da saúde.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

Para desenvolvimento do estudo adotou-se levantamento bibliográfico em bases de dados eletrônicos, livros científicos e legislação brasileira. As bases utilizadas foram: Scientific Electronic Library On-line (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) e periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A fim de expandir os resultados utilizou-se palavras em português e inglês, sendo: automedicação (self medication), consequência e risco à saúde (health risk), utilização de drogas (drug utilization), fármacos e prescrição médica.

Para tal, o estudo separou principais pesquisas a fim de relatar riscos à saúde provenientes da utilização incorreta de drogas farmacêuticas, relatando casos com crianças, adolescentes, adultos e idosos. Refuta-se também, a partir de pesquisas, a possibilidade da atuação do farmacêutico a fim de diminuir a automedicação dos pacientes com o auxílio desses.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o Estatuto do Medicamento publicado no Decreto-Lei nº 176/2006 entende-se por medicamento:

Toda a substância ou associação de substâncias apresentada como possuindo propriedades curativas ou preventivas de doenças em seres humanos ou dos seus sintomas ou que possa ser utilizada ou administrada no ser humano com vista a estabelecer um diagnóstico médico ou, exercendo uma acção farmacológica, imunológica ou metabólica, a restaurar, corrigir ou modificar funções fisiológicas (BRASIL, 2006).

O medicamento deve então, promover a segurança e eficácia para tratamento de diferentes males. No entanto, na sociedade moderna com os inúmeros avanços da ciência e aumento do número de fármacos, o objetivo de sanar dores, tornou-se meio para produzir falso bem-estar, levando até mesmo, a altos níveis de dependência (BARROS, 1995; AQUINO et al., 2010).

Nesses aspectos, surge a automedicação, identificada como o uso de produtos industrializados sem prescrição médica com finalidade de tratar sintomas ou agravos de saúde autorreconhecidos (SOUZA et al., 2011).

Existem diferentes motivos que fazem com que a pessoa venha a se automedicar, sendo a principal destas, a dor. Indivíduos que vivenciam uma experiência dolorosa buscam alívios através de aconselhamento médico, terapias complementares e até mesmo automedicação com fármacos. Um estudo realizado na Espanha mostra que de 1.964 pessoas, com idades diferentes e de ambos os sexos, diante de um sentimento de dor, 27,6% se automedicam, sem pensar em procurar atendimento médico (BASSOLS et al., 2002).

No Brasil, Campos et al. (1985) relata que a falta de recursos destinados ao Sistema Único de Saúde (SUS), assim como o número insuficiente de médicos nas unidades, leva pessoas à automedicação, tendo em vista que sentindo dores, não podem simplesmente ignorar o fato.

Entre a população que realiza automedicação, não estão somente os adultos. Crianças, adolescentes e idosos são amplamente afetados pela utilização incorreta de fármacos, sendo que estes, na maioria das vezes, não fazem uso de forma

independente, mas sim, são medicados por familiares.

Em relação à automedicação de crianças, pesquisa realizada por Beckhauser et al. (2010) ao entrevistar os responsáveis das crianças com idade entre 0 a 14 anos, 77,5% responderam que em algum momento já automedicaram as crianças, sendo que destes 63,9% reutilizaram prescrições antigas ou medicamentos que já tinham dentro de casa.

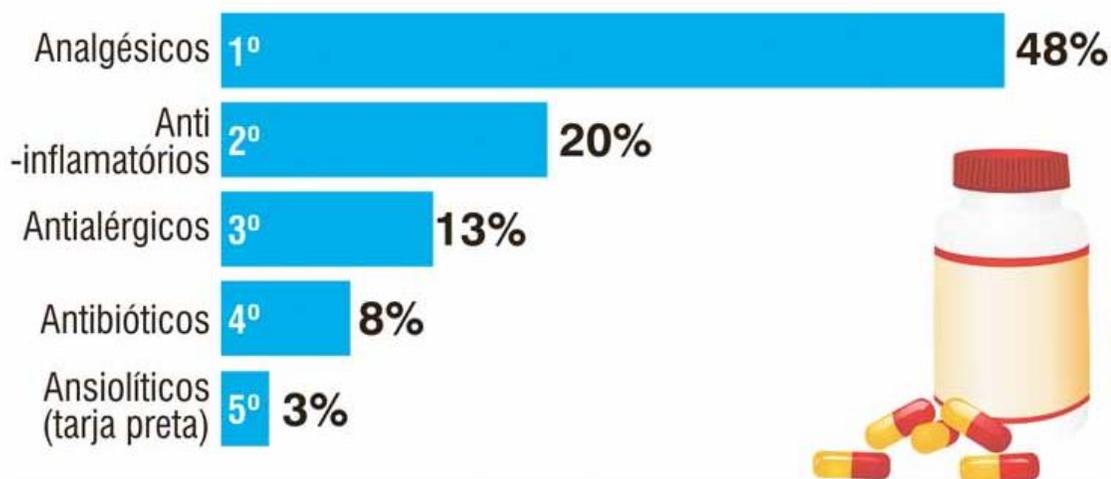
Em outra pesquisa relacionada às crianças, Pereira et al. (2007) demonstram que 56,6% dos responsáveis já medicaram os alunos com fármacos, sendo que 51% foi administrado pelas mães. Entre os medicamentos citados pelos entrevistados no estudo, os autores relatam os analgésicos/antipiréticos e anti-inflamatórios não-hormonais (52,9%); medicações de ação nos tratos respiratório (15,4%); gastrointestinal (9,6%) e; antibióticos sistêmicos (8,6%).

Entre os efeitos nocivos advindos da automedicação sobre a saúde infantil estão a indução de resistência bacteriana, mascaramento de doenças e intoxicação medicamentosa (GOULART et al., 2012). Implementar estratégias de cunho educativo, com objetivo de conscientizar os pais e/ou responsáveis sobre os possíveis riscos à saúde das crianças, é extremamente necessário, visto que o uso incorreto destes causa a perda de atividade terapêutica medicamentosa, bem como, coloca a segurança das mesmas em perigo (TELLES FILHO e PEREIRA JUNIOR, 2013).

Na automedicação de adultos, a causa principal está relacionada a tipos de dores, Lopes (2001) relata que 23,3% dos entrevistados em sua pesquisa utilizam medicamentos para dor de cabeça; gripe, constipação e tosse correspondem a 24,6%; infecções e inflamações 10%; 4,3% por problemas digestivos ou intestinais e; 3,2% com pessoas que tem insônia, sentem ansiedade ou cansaço.

Ainda de acordo com Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o mercado farmacêutico (ICTQ) o índice de automedicação no Brasil foi de 76,4% no ano de 2017, sendo que somente 23,6% consomem medicamento somente a partir de prescrição médica, de dentista ou farmacêuticos. Para o ICTQ os medicamentos mais consumidos na automedicação de adultos estão os analgésicos, anti-inflamatórios, antialérgicos, antibióticos e ansiolíticos (ICTQ, 2016) (Figura 1).

## Remédios mais consumidos na automedicação



Fonte: Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico (ICTQ)

Figura 1. Os remédios mais consumidos na automedicação de adultos no Brasil.

Os analgésicos que são os fármacos mais usados na automedicação ocupam destaque também entre os idosos, sendo mais utilizados para tratamento de dor e inflamação, sintomas bastante comuns nessa fase. As reações adversas advindas da automedicação em idosos é três vezes maior do que em jovens, apresentando incidência anual de 26 por mil leitos de pacientes hospitalizados (OLIVEIRA et al., 2012).

Cascaes et al. (2008) explanam que entrevistando 77 idosos, 80,5% destes realizavam automedicação, em especial com medicamentos de venda livre, tal como analgésicos e plantas medicinais. Os mesmos ainda afirmam que a maioria era medicado por amigos, vizinhos e familiares. Para Sá et al. (2007) os motivos mais apresentados em relação aos sintomas estão a dor, febre, diarreia, pressão alta e tosse, sendo que no estudo, 77,2% dos entrevistados idosos fazem uso de medicamentos sem prescrição quando têm alguma queixa clínica.

As desvantagens aos idosos além do risco na procura por tratamentos, estão os gastos desnecessários, atraso de diagnósticos que são mascarados com sintomas adversos, e terapêutica ineficiente e inadequada, podendo levar a graves resistências bacterianas e intoxicação (OLIVEIRA et al., 2012).

Para a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas se automedicam. Para a ABIFARMA, as causas principais são a má qualidade na oferta de medicamentos, não-cumprimentos da obrigatoriedade da apresentação de receituário médico, bem como, a carência de informação e instrução da população em geral sobre os riscos na automedicação (ARRAIS et al., 1997).

Uma das alternativas levantadas é a possibilidade do profissional farmacêutico agir para que haja diminuição na automedicação. A população de forma geral tem fácil acesso à farmacêuticos, que estão habilitados para atuar como agente sanitário, com função não apenas de dispensação, mas podendo utilizar seu amplo conhecimento em favor do paciente (VIDOTTI e HOEFLER, 2006). Desta maneira, é necessária uma assistência farmacêutica qualificada, garantindo acesso fácil da população aos medicamentos com qualidade e segurança.

A automedicação orientada por farmacêuticos é vista como uma realidade irreversível, sendo uma parte integrante dos sistemas de saúde. A ação dos farmacêuticos traz maior autonomia por parte da população na promoção da saúde e colabora com os governos na medida em que se evita números insustentáveis de consultas médicas (CIM, 2007).

Para tal, é necessário que farmacêuticos estejam qualificados, podendo instruir de forma eficiente, evitando-se riscos a saúde pela intoxicação de medicamentos. O nome do fármaco, a duração de tratamento e dose deste, devem ser respeitado pelos pacientes a fim de não haver complicações, tais como superdosagens. Hudson et al. (2008) salienta que entre as atuações do farmacêutico está a capacidade de prestar assistência, objetivando conscientizar os pacientes na utilização correta de medicamentos quando possível ou incentivar a procura à médicos quando o indivíduo relata dores mais extremas ou por longos períodos.

Desse modo, a prática da automedicação pode ser reduzida no Brasil, entretanto, é necessário maior conscientização das pessoas em relação a saúde e os riscos advindos de tratamentos, períodos e doses inadequados. Sem conhecimento das ações dos fármacos sobre o organismo, os pacientes podem sofrer superdosagem ou intoxicação por parte destes, colocando a vida em risco.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as práticas mais comuns para aquisição de medicamentos está a aquisição de fármacos sem a prescrição médica. No Brasil, o ato de se automedicar pode ser considerado problema de saúde pública, uma vez que crianças, adolescentes, adultos e idosos são afetados por este tipo de ação.

Diversos estudos demonstram os riscos na automedicação, principalmente na superdosagem e intoxicação por fármacos inadequados, utilização de altas doses e por longos períodos de tratamento.

Entre os fatores que levam as pessoas a automedicação estão a falta de recursos destinados ao Sistema Único de Saúde (SUS), e número insuficiente de médicos dentro das unidades de saúde. Pessoas que passam por períodos de dor, recorrem a utilização de drogas farmacêuticas, muitas vezes orientados por familiares, vizinhos ou pessoas do convívio social, sem receitas médicas, fazem reutilização de sobras de fármacos de tratamentos anteriores, utilizam prescrições antigas e prolongam tratamentos de forma errônea.

Estudos afirmam que as drogas farmacêuticas mais consumidas na automedicação no Brasil, são os analgésicos, anti-inflamatórios, antialérgicos, antibióticos e ansiolíticos, que utilizados sem prescrição médica, muitas vezes podem levar a internação de pacientes e até mesmo a morte.

Uma das alternativas salientadas para reduzir o problema da automedicação é a atuação do profissional farmacêutico, que entre suas funções pode auxiliar pacientes para a utilização correta dos fármacos, diminuindo riscos pela automedicação. Destaca-se ainda a necessidade de implementar estratégias de conscientização a população mostrando os riscos à saúde pela automedicação, que podem servir para alertar as pessoas, incentivando a busca por ajuda médica ou ainda em certos casos, o auxílio de farmacêuticos.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010.

ARRAIS, P. S.; COELHO, H. L. L.; BATISTA, M. C. D. S.; CARVALHO, M. L.; RIGHI, R. W.; ARNAU, K. M. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997.

BARROS, J. A. C. **Propaganda de medicamentos: atentado à saúde?** São Paulo: Hucitec/Sobravime; 1995.

BASSOLS, A.; BOSCH, F.; BAÑOS, J-E. How does the General population treat their pain? A survey in Catalonia, Spain. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 23, n. 4, p. 318-28, 2002.

BECKHAUSER, G.; SOUZA, J. M.; VALGAS, C.; PIOVEZAN, A. P.; GALATO, D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 28, n. 3, p. 262-268, 2010.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 176/2006, de 30 de agosto**. Estatuto do Medicamento. Infarmed -Gabinete Jurídico e Contencioso. 257 p. Disponível em: <[http://www.infarmed.pt/documents/15786/1068535/035-E\\_DL\\_176\\_2006\\_11ALT/d2ae048e-547e-4c5c-873e-b41004b9027f](http://www.infarmed.pt/documents/15786/1068535/035-E_DL_176_2006_11ALT/d2ae048e-547e-4c5c-873e-b41004b9027f)>. Acesso em 25 out. 2018.

CARVALHO, D. C.; TREVISOL, F. S.; MENEGALI, B. T.; TREVISOL, D. J. Drug utilization among children aged zero to six enrolled in day care centers of Tubarão, Santa Catarina, Brazil. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 26, n. 3, p. 238-44, 2008.

CASCAES, E. A.; FALCHETTI, M. L.; GALATO, D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 37, p. 63-69, 2008.

CASTRO, G. L. G.; MENDES, C. M. M.; PEDRINI, A. C. R.; GASPAR, D. S. M. G.; SOUSA, F. C. F. Uso de Benzodiazepínicos como automedicação: consequências do uso abusivo, dependência, farmacovigilância e farmacoepidemiologia. **Revista Interdisciplinar**, v. 6, n. 1, p. 112-123, 2013.

DOMINGUES, P. H. F.; GALVÃO, T. F.; ANDRADE, K. R. C.; SÁ, P. T. T.; SILVA, M. T.; PEREIRA, M. G. Prevalence of selfmedication in the adult population of Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, n. 36, p. 1-8, 2015.

GOULART, I. C.; CESAR, J. A.; GONZALEZ-CHICA, D. A.; NEUMANN, N. A. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 12, n. 2, p. 165-175, 2012.

ICTQ. Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação do Mercado Farmacêutico. **Pesquisa sobre o Uso Racional de Medicamentos no Brasil**. Disponível em <<http://www.ictq.com.br/component/tags/tag/19-farmaceutica>>. Acesso em: 26 out. 2018.

LOPES, N. M. **Automedicação**: algumas reflexões sociológicas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 37, 2001.

NASCIMENTO, M. C. **Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde?** Rio de Janeiro: Vieira e Lent; 2003.

NAVES, J. O. S.; CASTRO, L. L. C.; CARVALHO, C. M. S.; MERCHAN-HAMANN, E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1.751-1.762, jun. 2010.

OLIVEIRA, M. A.; FRANCISCO, P. M. S. B.; COSTA, K. S.; BARROS, M. B. A Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Caderno Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 335-345, 2012.

PEREIRA, F. S. V. T.; BUCARETCHI, F.; STEPHAN, C.; CORDEIRO, R. Self-medication in children and adolescents. **Jornal de Pediatria**, v. 83, n. 5, p. 453-458, 2007.

SÁ, M. B.; BARROS, J. A. C.; SÁ, M. P. B. O. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro - PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 1, p. 77-85, 2007.

SOUSA, H. W. O. S.; SILVA, J. L.; SILVA NETO, M. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 5, n. 1, p. 67-72, 2008.

SOUZA, L. A. F.; SILVA, C. D.; FERRAZ, G. C.; SOUSA, F. A. E. F.; PEREIRA, L. V. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 245-251, 2011.

TELLES FILHO, P. C. P.; PEREIRA JUNIOR, A. C. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. **Escola Anna Nery**, v. 17, n. 2, p. 291-297, 2013.

VIDOTTI, C. C. F.; HOEFLER, R. Apoio a transformação do exercício profissional do farmacêutico na farmácia comunitária. **Boletim Farmacoterapêutica**. Brasília, v. 11, n. 1, p. 1-5, jan./fev. 2006.

VITOR, R. S.; LOPES, C. P.; MENEZES, H. S.; KERKHOFF, C. E. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 737-743, 2008.